

Mais um fim de análise (um caso de amor)

Estanislau Alves da Silva Filho

*Não me leias se buscas/ flamante novidade/ ou sopro de
Camões./ Aquilo que revelo/ e o mais que segue oculto/ em
vítreatos alçapões/ são notícias humanas/ simples estar-no-
mundo,/ e brincos de palavra,/ um não-estar-estando,/ mas
que tal jeito urdidos/ o jogo e a confissão/ que nem distingo eu
mesmo/ o vivido e o inventado./ Tudo vivido? Nada./ Nada
vivido? Tudo./ A orelha pouco explica/ de cuidados terrenos;/ e
a poesia mais rica/ é um sinal de menos.*

(Poema-orelha. Carlos Drummond de Andrade)

É pela orelha do livro que o poeta escuta se dele falam mal ou se o amam. Uma orelha ou uma boca sequiosa de palavras? Espaços habitados, mas nem sempre respiráveis. Freud engravidou pelo ouvido e pariu pelo lugar certo: a boca. Boca que tem um órgão gravador, capaz de botar o que há de material na palavra sob forma visual, a saber a mão que faz a escrita – a palavra pra lá da palavra. Isso, é claro, não anula as fraudes, de confrades, que engravidam pelo lugar certo, mas que vão parir pela orelha mesmo, de modo a se valer do artifício única e exclusivamente para acabar com o artifício, ou seja, para acabar com a palavra: parir pela orelha é arrombar o aparelho de ouvir, obstetrícia de arrebatamento e arrebanhamento, ensurdecimento e mudez. É talvez sobre isso que já teriam dito que “se o engodo se tornar fraude, não haverá retorno.”

Mas um fim de análise tem que ver com uma existência sem álibi. Um discurso sem álibi. Sem explicação ou justificativa. Sem desculpas. Quase imperdoável, ainda que reparável. Sem âncora e improvável. Sem garantias. “Como se” tudo se edificasse sobre a areia e não sobre pedras. Sem, contudo, à diferença do poeta Borges, ter que assumir o dever de edificar como se fosse pedra a areia. Vertiginoso, por assim dizer. Impraticável se só assim for. De qualquer jeito, lembra mesmo – ou é mesmo – de uma posição sofista o trato, e que roga para que a verdade não intervenha. Um quase niilismo. Talvez um ateu viável, herético, por fim livre de um inquisidor ou de um Deus esmagador. O que não quer dizer livre de uma Lei. Pois é isso: livrar-se das vicissitudes da encarnação da Lei não é o mesmo que ser inconsequente. Agir de modo despudoradamente egoísta e como se o outro não existisse seria já um avesso do prólogo: máximo de liberdade é igual a máximo de responsabilidade. “Pode-se tudo, desde que”. Desde que se banque ou se sustente? Que se saiba que não há jogo sem regra – mesmo que seja o caso de prescindir dela, isto é, prescindir dela servindo-se dela. Bem dita sub-versão.

Tudo isto e isto tudo (preambularmente) não por uma ética da eficiência comunicativa, senão que por no equívoco assumir-se algo das próprias questões e, para além disso, não tirar o corpo fora pela impossibilidade, de modo a pagar o preço da meia-verdade, da resposta tangente, que não responde e erra. Consentir à divisão assujeitiva só pode ter muito que ver com amar-se na própria e irreconciliável parcialidade. No próprio inacabamento, que força a passagem por fora para haver qualquer dentro – só desde outro me tenho acesso. Estamos aqui para falar de amor.

‘AMOR, TE CIMENTO!’ OU ‘A MORTE-CIMENTO’?

*Uma vez que o amor tem olhos de aranha Para descobrir
uma dor que seja apropriada, Com toda paixão pas-
sando num só relance por todos os nervos: amante testa
amante, com crueldades de ‘tentativa e erro’; E quando
finalmente o assassinato se acaba, O leito nupcial traz lá
desespero, quiçá, Evocando a cada imagem imaginada
Uma figura real ali.*

(*Salomão e a Bruxa.* William Butler Yeats)

A língua é nosso amortecedor. Nosso amor-tecedor: quando nos beijamos, quando nos re-vestimo-nos um da língua do outro. Só se fala uma língua com outra língua. Falo alíngua materna com minha língua. Típico. Difícil não ser edípico. O poeta e tradutor britânico Keith Bosley dizia que tradução é uma língua *making love* com outra. Decisão de cada um se se verte em ‘fazendo amor’ ou em ‘trepando’ uma com outra, talvez na outra. Mesmo que sexo seja secção. Ser rei é transar a castração, como bem isto se mostraria pela aplicação da lei sobre si mesmo, quando, em verdade, a questão é Outra. A transmissão não se dá sem passe, sem a verdade do sujeito dar para a verdade do Outro, ainda que o dom não seja dado pelo Outro a um. Pois sim, é o caso de dar-para-isso: o dom de ser psicanalista.

Fernando Pessoa dizia que a arte mente porque é social, e que fingir é amar, sendo que amamo-nos todos uns aos outros, sendo mentira o beijo que trocamos. Lubrificante degradante, degradante, que une-se-para.

Não se pode perder de vista que o fracasso do inconsciente é o amor. O amor enquanto descuidado, é delírio descambado. Sob cuidado, delírio dirigido, chamaram psicanálise – cura pelo amor. Isto é, amor tratado. Em tratamento. Amor consumado e consumível, para transferência liquidada. Relação de poder sem dominação? Sabemos que só há santo em não se querer sê-lo, ao se renunciar à santidade. E, como se dizia, careceria de se reconhecer, por trás do dito amor de transferência, da submissão ou adoração de nossos filhos, pacientes, alunos, nós mesmos, o desejo nostálgico de libertação desse amor opressivo, amor compulsório, obrigatório. Também, já o disseram: transferência é um amor verdadeiro, mas um falso laço. Mas que laço restaria? Que amor restaria? Ou seria: o que do amor restaria? Laço de verdade, que não é amor à verdade (sobre si ou sobre qualquer Coisa), implica amor justamente àquilo que o que não enlaça, singular e vazio, faz (não é amar o que não enlaça, mas amar ao efeito causado por aquilo que não enlaça) – algo que nunca, jamais se deixará objetualizar, que nunca será objeto de amor: pois como objeto não há como se enlaçar.

Já o resto, o lixo, é esse exatamente o lugar do analista, esse produto produzido por uma análise. Até que ponto seria um produto de mercado, parece questionável – ao menos ainda se preferem *gadgets* a pedaços de lixo. Precisamente, existem aqueles que tentam a todo custo isolar a coisa pura e funcional, de modo a jogar o resto fora. Geralmente acaba sendo o caso de ir direto ao lixo porque só os restos, da voz individual, das dores isoladas e impartilháveis, de todas as falhas de mecanismos, é que trariam aquilo de que se trata. Sem contar a dimensão da publicação, esgoto de pública privada. Não destino, mas fundamento e fundilhos de cada vislumbre do faláciasser. [Em *Scilicet 1*, Lacan, falando do nó, diz: “O que caracteriza o interior e o exterior do corpo são apenas os resíduos, isto é, a merda”; a 8 de julho de 1953, em *Saint-Anne*, Lacan comentava que: “O homem caga, dá descarga e devora”. E como não pensar no luto que isso implicará? Sem luto não há como passar. Trabalho eterno de luto, no mínimo, pela infindável e insuperável morte da Coisa. Pobre sujeito. Haveria que considerar a posição de sua agressividade e mesmo de sua gratidão.

Aliás, dizer ‘sujeito’ é dizer que a experiência do ‘um-bi-visto’ é feita por um ‘falasser’ que se interroga, no campo da linguagem, sobre a existência de ‘eu’. Bendita *talking-curra*, que sofremos da Outra. Essa fadinha. Basta lembrar-se da Boceta de Pandora: metam o bico lá – dentro de cada um de nós – para ver o que acontece. Quem mesmo vai querer assumir esse lugar? E por quê? Ou, como é que vai sustentar? O que se passa numa cachola pra isso?

Claro, menos zeloso da integridade de um Eu, menos temeroso de manifestações fora de controle próprio, talvez um alguém leve menos a sério pretensões particulares e deixe de se torturar por tropeços.

Diretamente falando, essa dessuposição de saber, condição da liquidação do amor, tem inevitavelmente algo de uma assunção de outra relação com a linguagem, uma linguagem que não mais precisa aparecer como minha, na produção de um saber que não mais reforça a ilusão de minha propriedade e meu domínio. Não se sabe o que se diz, e quando se fala, há mesmo a deposição do falar de si, digo, desde si. Mas se está ali, como efeito, falado, enfim. Uma fala sem alibi, da qual sujeito, como efeito, sou decisivo fiador.

Quem sabe? Não seria um otimismo aí? Não faz mal. Eu aposto para perder. ‘Sempre’ faço a fantasia de que não estou sozinho para, depois, ter que enfrentar a solidão. [A verdade não se fala. Tudo que se fala é falácia. E o corpo, mesmo que seja o palco delas, também é uma ficção passível de correção. A questão de encolher ou se agigantar em oportuno espertar é a de fazer antes e depois num tempo que não passa].

Mas cadê o amor?

PRÉ(VIA)MISSA EM SI

Quando duas personalidades se encontram, uma tempestade emocional é criada. Se elas fizerem contato suficiente para adquirirem consciência uma da outra, ou contato suficiente para que elas NÃO tenham mais consciência uma da outra, um estado emocional é produzido pela conjunção desses dois indivíduos, e o distúrbio resultante dificilmente poderá ser considerado como uma melhoria na situação deles – caso eles nunca tivessem se encontrado. Porém, como eles se encontraram, e já que a tempestade emocional aconteceu, ambas partes dessa tempestade podem optar por fazer ‘o melhor possível de um mau negócio’.

(Como tornar proveitoso um mau negócio. Bion, 1979)

Há oposição entre as falas “bobas” de amor e as tão sofisticadas cartas de amor? Mas não eram todas as cartas de amor Ridículas também? Tanto que nem seriam de amor se ridículas não fossem? Seja como for, se poderia remunerar uma diferença imaginária entre falar e escrever, entre falas e escrituras. Diferentes com-posições e tessituras. Claro que você pode preparar um discurso antes de declamá-lo, escrever uma fala, bem como também pode deixar enunciamentos enquanto escreve despreziosamente – você pode falar com as mãos. Mas o ponto que me alegraria refrisar é o da distância, digo, da ausência. A fala de amor se diz na presença, enquanto que a correspondência implica a ausência, o afastamento, a ‘perda’ do objeto amado. A primeira é boba porque a presença sempre a torna inútil ou vazia, às vezes arrogante. A segunda é ridícula porque expõe a realidade, a verdade, com a indevida nudez: a realidade da distância, do abismo intransponível entre nós dois. Do abismo da realidade e do muro que a palavra nos impõe, impedindo-nos de atravessar o sentido pelo seu gargalo ralo. Supõe-se aquela velha história de querer imprimir uma abstração tridimensional numa plataforma bidimensional. Bom, mas que isso não nos iniba. Tampouco que se entenda isso como crítica. Não há como não jogar esse tal jogo linguageiro que, pela outra mão, tem muito mais a oferecer do que aparenta. Dizem há muito que a palavra mata a coisa, que o nome anula a existência, curiosamente as presentificando em outro meio. Como exemplo bárbaro e grosseiro, ainda que amoroso: ouça ao pé do ouvido a palavra ‘Mamãe’ durante a transa e veja o que se lhe acontece. A presença em ausência que anula! Rá! Há magia nisso aí, é inquestionável. Magia esta que talvez esteja no sentido e na sofisticação das cartas amorais, digo, de amor. [Não há moralidade possível para elas, sim? Certo e errado quanto

a elas, uma ova!] Quem já leu algo da literatura portuguesa jamais negaria algo do rebuscamento ali alcançado quanto ao esforço de suprir o espaço, a distância, o empenho em transpor o abismo, ainda que o essencial não passe de um precipício, uma precipitação que dá, inexoravelmente com os burros n'água. Não, não é que não há alento! Nem que não seja um carinho, O carinho! Mas que amar é justamente esse impulso dedicado e incondicionado de salvar algo do que, ao cabo, cessou de não se reescrever.

E quantos são os que morreram tentando? Que morreram na praia? Com esse amor verborrágico, desesperado, de juras infinitas, elogios desmesurados e declarações repetidas? Aqueles que empurram e espremem, e batem com a cabeça; que dizem 'eu te amo Muito'. [Ah, os advérbios são sempre suspeitos – o engano deles perpassa a intenção e desrespeita o inacabamento – querem vencer pela força, no mínimo]; que lutam contra as marés escrevendo eu te amo na areia da praia com a eminência ininterrupta da onda que apaga [e ela paga, e a gente escreve de novo, e ela apaga, e agente escreve de novo, e ela apaga...]; enfim, os que se atiram ao sem fim! [...] Não, esses não são os que morreram. Mortos estão aqueles que nunca desamaram. Ou também, coitados, aqueles que do amor nenhum fragmento concatenaram. Quer dizer, do amor somente fragmentos se enunciaram. Assim ele é. Fragmentador, mais que fragmentário? Esse amor, querido, que faz inadimplência da inexistência, da inconsistência e da desarmonia. Quem suplementa não totaliza e nem completa. Faz outra coisa. Dá um jeito. Deve ser mesmo coisa pouco estável ou ainda efêmera. Como a vida? Sim, bora transar a vida, bicho, porque como problematiza Millôr Fernandes, “de todas as taras sexuais, a mais estranha é a abstinência” (como se ela houvesse!)! (nem sempre se pensa na sacada de contramão, também reassegurada: “a maior zona erógena do corpo é a mente” – vai saber por onde cada um sente saudade e chora?) Por que, no fim, *Love will tear us apart again*, nos separar e juntar, *again*, *Alone Together*, *alone with*.

UM CASO DE AMOR

É maravilhoso foder uma mulher peidorreira quando cada estocada arranca um peido de dentro dela. Acho que reconheceria um peido da Nora em qualquer lugar. Acho que eu saberia qual é o dela numa sala cheia de mulheres peidando.

(James Joyce, em uma de suas privadas cartas eróticas e amorosas a sua esposa Nora. 1909)

Não, nem todas as cartas de amor são ridículas. Algumas são sujas. Outras, duplamente sujas, o que é bom (é preciso esfregar bosta nas palavras, para lhes dar dignidade e asseio, retirar delas certas solenidades e atrapalhar algumas significâncias: o despropósito é mais saudável que o solene – mas se pode questionar qual das coisas dá mais ânsia). E, é claro, invariavelmente todas carecem de iniciar-se com “Sim, você tinha razão”. Há que acertar as horas e os porteiros. James Joyce fazia coro, em suas cartas, à canção “nenhum homem jamais será merecedor do amor de uma mulher”. Atabalhoado, trepidante, enciumado, excitado. Adorava venerando, desassossegado e afogado, digo, afobado: não podia esperar, não sabia que o amor não tinha pressa e que aguarda em silêncio por milênios (nem que seja sofrendo). Quem ama não fala: quem fala do amor não está amando. Aliás, românticos e poetas escreveram tanto sobre o amor que acabaram por matá-lo, em sincericídio. “Toda má poesia é sincera”, estatelava Oscar Wilde, marcando o perigo de expediente tão “corajoso”, isto é, desesperado.

Corar e chorar não são lá muito díspares.

Por outra via, tem o Balzac dizendo que uma “paixão que não se acredita eterna é repugnante”, e o Badiou explicando que um “eu te amo” sempre é, em muitos aspectos, o anúncio de um “te amo para sempre”. Houve época em que os franceses não viam razão para um “sempre te amarei” inviabilizar um “não te prendo a mim”. Conciliadores ou libertinos? Não era o espírito cigano aquele de olhar para você e depois ir embora, sem dizer o porquê? Correndo perigo. Aquele frio sem fim, inesquentável. Inestimável guardar preces para a manhã seguinte. Pois se a sua carta não chegar, não pense que eu poderei te perdoar. Se o mundo estiver morrendo devagar, não vai dar para acreditar em você. E entre o inseto e o inseticida, vão-se os dedos.

“Para se ter compaixão por alguém e admiração, os nossos cães narcísicos precisam estar bem alimentados de vaidade, arrogância e supremacia cega”, já o disse outro poeta. Saco vazio, desamparo e devastação não param em pé. Mas “eu te amo” é mesmo uma promessa eterna, venérea e só no dito etérea.

AINDA NÃO

O que é o mundo quando o experimentamos a partir do dois, e não do um? O que é o mundo, examinado, praticado e vivenciado a partir da diferença, e não da identidade?

Penso que o amor é isso.

(Elogio ao amor. Alain Badiou)

A saída cristã do amor. ‘Love, love, love: amor deve ser a resposta!’. ‘Tudo o que você precisa é amor’; ‘Paz e Amor’; ‘Faça amor não faça guerra’; ‘Ame como a si mesmo’; ‘O amor triunfará’; ‘O amor vence o ódio’; ‘Só o amor salva’. Hippias são muito cristãos quanto ao amor. E os gregos mesmo adoravam Eros, erastes e eromenos. Aliás, foi na Grécia que casaram a Razão com o Amor, em manjedoura esplêndida como berço. Filosofia. Toda a história tem sido contada através dessa sua perspectiva, amante das verdades. Disseram até que a Ira ficou de lado: como seria a história contada do ponto de vista da Ira? Da Raiva que moveu o mundo ao longo dos tempos?

O fato é que filósofos e tantos outros também se dedicaram à escrita amorosa. Os mais idiotas conseguiram até mesmo explicar o amor (pois idiotas explicam, conseguem explicar). Badiou, uma vez mais o filósofo, fez um irrefutável “Elogio ao amor” – não, é claro, sem ter feito também uma impecável argumentação sobre ‘São Paulo’ e a fundação do universalismo, onde marcava o paulinismo como criador do acontecimento Cristo. Sua eloquência e sapiência invariavelmente nos fazem amar o seu amor platônico, isto é, o seu amor a Platão, a São Paulo e/ou a Lacan: é incrível! ‘O amor como força universal’; ‘O amor é a execução da lei’; ‘a fé somente é eficaz por meio do amor’; ‘se eu não tenho o amor, não sou nada’; ‘Agora então, estas três coisas permanecem: a fé, a esperança e o amor, mas a maior das três é o amor’. E lá se foram dois milênios de aposta no amor como solução. Solução muito cristã e deveras religiosa.

Querem chamar de ‘antiamor’ uma renúncia à parceria da diferença. Toxiconarcisismo? Experimentar a partir do dois ao invés do um poderia ser exercício modulativo. Não é sempre e ‘só’. Haveria que ver qual dos Dois toparia deixar o Um aparecer quando preciso fosse. Indiferença tolerante às diferenças e identidades. Indiferença que não toma nenhum como si mesmo, que não é sinônima de desprezo, mas que sem apego sintomático, transa com qualquer repertório. Ora, precisaria ver que dois é esse que não está identificado. Será mesmo que não é um dois em especial? O Dois do Um amante não seria um Um só mesmo? “Diferente a cada encontro” – casei várias vezes

com a mesma mulher? Sei não. Mas continua bonito... identitário. Precisar de alguém, não precisar de ninguém. Denegação dalguns, nalguns identificista.

O diabo amoroso é símbolo signo digno da união. E, afinal, é curioso amar a diferença, ou querer a diferença como o mesmo que amor. Provavelmente esta equação faz perder de um e de outro; faz não ver nem um nem outro. Diferença não é amor, é só diferença mesmo, mesmo que massa. E antiamor não é não ter outro, mesmo que quem não tenha falta do outro não ame. Mal-entendido seja o amor-desamor. Malsucedido seja a própria ideia de saída e solução, vitória e ganho, pelo amor – história sem fim essa de ‘amor é viver a dois e felicidade é ter alguém’ (loucura é não ter ninguém – que te ature). Sem contar o cuidado com a paixão pela contingência e pela surpresa, já que são todas essas coisas muito apaixonantes e cativantes, pequenos príncipes. São poucos os passos para o Martelo das Bruxas, o Suicídio Estoico ou o mero amadorismo.

NÃO É MAIS COMO ANTES

Ele: Você trabalhava como garçonzete num barzinho, quando eu te conheci. Eu tirei você dali, cuidei de você e te dei um rumo. Você virou uma outra pessoa. Agora, cinco anos mais tarde, tens o mundo a seus pés, e o sucesso é facinho pra você. Mas, não se esqueça, fui eu quem te colocou aí, e eu posso te colocar pra baixo também. – Você não me quer? Não me quer mais?

Ela: Eu trabalhava como garçonzete num barzinho, até aí é verdade. Mas mesmo naquelas circunstâncias, eu sabia que as coisas iriam melhorar, com você ou sem você. Os cinco anos que passamos juntos foram mesmo maravilhosos: eu ainda te amo. Mas acho que agora é hora de seguir a minha vida só, por minha conta. É, acho que é exatamente isso que eu devo fazer.

(Don't You Want Me. The Human League)

Há o Elogio do perdão na vida amorosa. A impossibilidade de perdoar não perde em nada para o trabalho bem-aventurado do perdão. Mitos de independência e autoengendramento desbastam a coragem daquele que quando se sente mais forte, ao invés de exercer poder, reconhece sua fragilidade e é mais capaz de tolerar sofrer. Quanto mais dou, mais tenho? Quanto mais dói, mais desdenho, querendo comprar – sentença inafiançável, por certo. Objeto idealizado é objeto de demanda, não de amor. Eros desiludido, desencontro

erodido. Pelo óbvio, fodido. Pulseira libertina e aprisionada. Enfim, perdão só ganha sentido, somente é perdão, quando é chamado a fazer o impossível, o imperdoável: o resto é desculpa.

Não se pode esquecer que não será uma atitude do Outro que nos fará perdoar. Quer dizer, temos um trabalho solitário, exigente de tempo e recolhimento, de modo a lidar com, mais do que uma desidealização extrema do amado, o nosso resto mais próximo – sem anular marcas ferinas. A violência não é muito estranha ao amor. Arruína de cada dois. E que alegria, porém, pode advir disso, senão o mínimo de um bom encontro. Repara, são uma figa. (Diz-se que *Mano Fico* é a representação dos genitais femininos, principalmente o clitóris, associado à fertilidade e ao erotismo). E cem coelhos não fazem um cavalo.

AMOR, ANGÚSTIA E ELABORAR

Ela: Casada há muito tempo. Dezenove anos, vinte e um, vinte e quatro? Por aí. Tinha perdido a conta. Filhos crescidos, morando longe, cada um num canto. Idade deles? Não sabia bem. Dezoito, vinte. Tinham nascido depois do casamento. Disso tinha certeza. Ao menos. Com o marido dava-se bem. Bem? Não sabia mais. Não brigavam, ele voltava pra casa toda noite, cansado, calado. Toda noite, sempre igual. Não o beijava mais. Um dia tinha gostado do cheiro, da voz, das histórias, de fazer amor com ele. Ela em casa, feliz. Feliz? Os filhos cresciam, ela engordava, ele por ali. Sempre igual. Ela em casa, ordeira, comida na mesa. Um dia conheceu um homem. Bonito. Virou amante. Ruim de cama, apressado, não olhava nos olhos, fedia a cigarro. Pra quê? Tentou suicídio. Quase conseguiu. Nuinha, uma perna no parapeito, o marido chegou. Ficou louca? Chorou, gritou até mais não poder, perdeu a cabeça. Foi internada. De novo em casa. Tudo igual. De diferente, os olhares dele, os silêncios mais longos. – Cheguei. Ainda no telefone? – Tá cansado? – E sem vontade de falar. – Aconteceu o quê? – Nada. Televisão, o controle na mão, sem olhar pra ela, sem perguntar se podia trocar de canal. Ela ao lado, olhava sem ver, ouvia sem escutar. E se fosse um cachorro? Ia dar na mesma. Bastava ficar ali, quieta. Suicídio de novo? Nem pensar. Um dia ele morreu. Ficou sozinha. Comprou

o cachorro. Bonito, branco. Televisão, controle só pra ela. Feliz. Felicíssima. Finalmente.

Ele: Casado há mais de vinte anos, três filhos lindos, todos casados, uma já separada. No início se preocupou com ela, agora não mais. O problema era a mulher. No princípio paixão, atração louca, muito sexo. Gostava do cheiro, do hálito, de conversar. Conversavam pouco, é verdade, era calado, caladão, diziam. Depois do amor queria ficar quieto, curtir o silêncio, a respiração tranquila, sono reparador, mãos dadas como se tivesse morrido junto dela, dentro dela. Impossível. – Você ainda me ama? – Amo. À noite voltava cansado. Queria ficar perto, mãos dadas vendo tevê. A casa, porto seguro, a mulher, dona do lar, do seu coração. Queria repousar, fechar os olhos sem medo. Lá podia, só lá. A mulher sempre querendo conversar, ele não conseguia. Ela triste, engordava, enfeava, ele aflito, preocupado. Queria-a junto, quieta, calada, quente, adivinhando a angústia de quem não pode falar. Ela arrumou um amante. Não faz isso comigo, você me mata! Não conseguiu falar. No coração, chumbo, na garganta, pedra congelada. Um dia ela tentou pular da sacada. Ficou louca? Internada, voltou pra casa cada vez mais triste. Preocupado, perdido. Não sabia o quanto era amada? Que era tudo pra ele? Um dia, ele morreu de ataque. Ela comprou um cachorro. Bonito, branco. Televisão, controle, só para ela. Sozinha.

Sem jamais saber o quanto fora amada.

(Contos do divã. Sylvia Loeb)

MEU AMOR

Pensando bem, é possível ter-se tornado ruim em variadas coisas – é possível ser analfabeto em umas sete línguas. Sempre grosseiro e estúpido, apesar de aguçada sensibilidade: fazer é facilmente mais difícil que sentir ou transvêr. Essencialmente pior do que gostaria, mas melhor do que esperava. Equivocadamente, há de-ser assim. Falando quando não deveria e não falando quando devia, agindo ou não de modo igual.

“Mesmo que não seja dono do que digo, queria me responsabilizar por essas palavras buscadas para trazê-las aqui agora”, desse jeito – mesmo que ao lê-las possa já sentir que elas não estão de meu gosto: aquele que lê não é o mesmo que escreve: sequer o que começa a frase é o mesmo que a termina.

Queria oferecer um amor digno de ser amar. Ou que o amor ultrapassasse a necessidade de se ser amado por quem nos pode tornar culpados – malditos culpados! Dardos e parvos reflexos de desespero organizado.

REFERÊNCIAS

- BARROS, Manoel. *Livro sobre nada*. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2004.
- DERRIDA, Jacques. *Estados-da-alma da psicanálise: o impossível para além da soberana crueldade*. São Paulo: Escuta, 2001.
- DIAS, Magno Machado. *Ordem e progresso por dom e regresso*. Rio de Janeiro: aoutra, 1987.
- FERENCZI, Sándor. Confusão de língua entre adultos e a criança. In: FERENCZI, Sándor. *Psicanálise IV*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- GOLDENBERG, Ricardo. *Desler Lacan*. São Paulo: Instituto Langage, 2018.
- JOYCE, James. *Cartas a Nora*. São Paulo: Iluminuras, 2012.
- MELLO, Humberto Haydt de Souza. *Acta de Psicanálise*. v. XII, cap. III. Colégio Freudiano de Psicanálise. Brasília: Linha Gráfica e Editora, 1987.
- MELMAN, Charles. *A neurose obsessiva no divã de Jacques Lacan*. Rio de Janeiro: Tempo Freudiano, 2011.
- LACAN, Jacques. Luz, lição de 15 de abril de 1980 do seminário Dissolução, *Ornicar?* 22/23.
- RECALCATI, Massimo. *Não é mais como antes: elogio do perdão na vida amorosa*. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.
- SAFATLE, Vladimir. *Lacan, revolução e liquidação da transferência: a destituição subjetiva como protocolo de emancipação política*. Estud. av., São Paulo, v. 31, n. 91, p. 211-227, Dec. 2017.
- SILVEIRA JUNIOR, Potiguara Mendes da. *A tradução: dados para uma abordagem psicanalítica*. Rio de Janeiro: aoutra, 1983.
- SOLER, Colette. *O que faz laço?* São Paulo: Escuta, 2016.